

# Novas Reflexões

---



*HAMLET- Prince of Denmarke*

# Angústia e Desamparo

*Leticia Fonseca*

Ao enveredar pela releitura do Seminário *A Angústia*<sup>1</sup>, buscávamos focar o aspecto do desamparo quando, tomados pelos debates e intervenções realizadas por ocasião das Jornadas preparatórias ao Fórum Bruxelense, uma questão brotava: de qual desamparo falamos? Será que *das Hilflosigkeit* – tal como nos é trazido por Freud e retomado por Lacan – coincide com a visão filosófica, sócio-cultural, ou político-econômica ora abordada?

E, repensando uma vez mais sobre a insistência de Lacan em distinguir o discurso psicanalítico sobre a angústia de qualquer outro discurso científico, as indagações persistiam: não será que ao lançar mão desses outros vieses estamos procurando também dar conta do desamparo, visando a amestrá-lo, ou querendo fazer dele uma coisa outra? No que pesem os aportes valiosos que podem advir dessa abordagem interdisciplinar, não será que, quanto ao desamparo, há sempre algo de singular, inerente ao campo específico da psicanálise?

Essas são as questões que norteiam e delimitam a nossa fala.

## **O Desamparo da Metapsicologia<sup>3</sup>**

A falta de elucidação do sentido psicanalítico de “desamparo” – vocábulo cuja polissemia permite leituras variadas e, por vezes, enviesadas – repercute indubitavelmente na forma de apreender a direção da cura, incidindo evidentemente na prática clínica. Partindo dos avanços dados por Lacan, face à releitura de Freud, tentaremos elucidar o referido conceito, buscando

desprendê-lo de suas amarras fenomenológicas e/ou filosóficas - que fatalmente deixam a metapsicologia em desamparo - para tentar destacar sua dimensão específica e singular de estrutura, no cerne da experiência do desejo, inerente não apenas à constituição do sujeito em psicanálise, mas inerente também à trajetória psicanalítica. Detendo-nos sobre a metapsicologia visamos, portanto, indicar contribuições que a teorização lacaniana possa trazer à clínica.

Intitulamos nossa intervenção de "O desamparo da metapsicologia" pretendendo com isso dar margem à ambiguidade da leitura e destacar as duas vertentes que ela permite. Por um lado queremos enfatizar a peculiaridade do conceito de desamparo dentro da metapsicologia e, por outro, apontar o quanto uma confusão a esse respeito pode deixar a própria metapsicologia e, possivelmente, a clínica, em desamparo. Em desamparo, talvez por sermos exatamente tentados a nos amparar quer na fenomenologia, quer na filosofia, ou ainda na antropologia, fazendo delas - quem sabe - a nossa mitologia. Evocamos então Kierkegaard, que nos diz:

"Quando a razão se atola na esfera mítica não dá de si mais do que palavreado vazio. " <sup>1</sup>

Poderíamos talvez dizer, tomando um viés psicológico mais difundido, que o desamparo tem a ver com a falta, com a perda, ou com o trauma... Contudo, investigando mais detalhadamente este conceito, numa perspectiva metapsicológica, encontramos-lo constantemente articulado à angústia. Cabe então indagarmos: o que dizer sobre o desamparo e a angústia? como eles se articulam?

Voltamos então aos primórdios da história da psicanálise. Observamos que, já em 1892, o tema da angústia ocupava lugar de destaque. Em seus documentos dirigidos a Fliess<sup>4</sup>, Freud enfocava o problema da angústia, indagando sua etiologia

e abrindo um vasto campo para posteriores elaborações. É sobre a angústia que versam várias das suas correspondências. Verificamos ainda que, em 1926, ao retomar o conceito de trauma em seu livro *Inibição, sintoma e angústia*, Freud faz várias referências à situação de desamparo; situação à qual ele designa como traumática. Diz-nos: “A angústia é, por um lado, uma expectativa de um trauma e, por outro, uma repetição dele em forma atenuada. Sua vinculação com a expectativa pertence à situação de perigo, ao passo que sua indefinição e falta de objeto pertencem à situação traumática de desamparo. Assim, os dois traços da angústia têm origem diferente.”

Lacan, em seu seminário sobre *O desejo e sua interpretação*, retoma Freud e sublinha: “...a angústia se produz como um sinal no eu sobre o fundamento do desamparo, ao qual ela é chamada, enquanto sinal, a remediar”. Entretanto, ele especifica mais um pouco: “É na presença primitiva do desejo do Outro como opaco, como obscuro, que o sujeito fica sem recursos” – *hilflos* – ou seja: desamparado. Constatamos então que, tanto em Freud como em Lacan, o desamparo não pode ser pensado sem uma articulação com a angústia.

Setenta anos após o início da teorização freudiana sobre a angústia, no ano de 1962, Lacan retoma este tema tentando avivar-lhe as cores, ressaltar-lhe as nuances desgastadas provenientes de leituras oblíquas ou de traduções precárias feitas ao texto freudiano, dedicando-lhe um ano de seminário. O seminário *A Angústia* é imediatamente consecutivo ao seminário sobre a identificação. Refletindo sobre essa sequência poderíamos, já, aventar o que seriam algumas pistas daquele que é aqui nosso intento, salientando alguns dados:

a) enfocamos a identificação à maneira pensada por Lacan em seu seminário de 1961, ou seja, enquanto pura diferença; identificação do sujeito enquanto efeito de significante, produto de linguagem, o que é diferente da identificação imaginária.

b) por outro lado, será que, após ter destacado esse lugar

da diferença, após apontar o \$ – sujeito desejante – Lacan envereda pela angústia para delimitar a borda da diferença radical e, com Kierkegaard, ressaltar o salto? Seria essa diferença radical a morada do desamparo?

Existem várias formas de se encarar, de se definir a angústia e o desamparo. Numa referência filosófica, podemos dizer que a angústia é alguma coisa que nos confronta com o nada. Mas se essa fórmula é justificável numa certa perspectiva de reflexão, não é isso que nos norteia. A angústia é algo que, precisamente, não tem nada deste caráter difuso daquilo que se chama experiência existencial da angústia.

Para Lacan a angústia *não é sem objeto*. Todavia, é indispensável que se explicita de que objeto se trata: não é de um objeto palpável, especularizável ou sequer imaginizável. Fazendo uma báscula do campo do eu para o campo do Outro, Lacan desenvolve toda uma elaboração reportando-se – não ao trauma do nascimento, onde temos a separação entre a criança e a mãe, mas – à constituição do sujeito, enquanto sujeito desejante, por uma partição, um corte, no campo do Outro. Ponto em que sobra um resto nesta divisão: o objeto a. É deste objeto que se trata em tudo aquilo que tem a ver com a angústia.

Assim, sempre atento à letra em sua releitura de Freud, Lacan busca não apenas resgatar-lhe o sentido mas, antes, forçando um pouco mais os conceitos e visando ir mais além, ele procura enfocar e suportar aquilo que escapa ao sentido. E então, afirmando que trabalhar com a angústia é trabalhar sem rede – coisa que evoca o acrobata – ele destaca: “... cada malha não tem sentido senão deixando o vazio no qual há angústia”<sup>6</sup>.

É apenas nesse sentido que podemos entender o que Lacan afirma, em seu seminário, a respeito do texto de Freud: “...graças a Deus no discurso de *Inibição, sintoma e angústia*, fala-se de tudo, exceto de angústia”. E, em face de uma eventual indagação sobre o porquê não se fala de angústia nesse texto, certamen-

te poderemos retorquir: por virtude da própria angústia e não por falha da teorização freudiana.

Fazendo então um paralelo entre Freud e Lacan observamos: se, em 1926, é em face das idéias de Otto Rank sobre o trauma do nascimento que Freud retoma o tema da angústia e escreve *Inibição, sintoma e angústia*, Lacan, em 1962-1963, dedica seu seminário a esse tema, não sem antes referir as críticas que lhe são feitas e rebater as falhas que lhe imputam de elidir os afetos em sua teorização. Lacan destaca, então, a angústia como o afeto por excelência. Sublinha o afeto enquanto efeito – é/feito – da estrutura, que se ventila com palavras. Todavia, é também com palavras que o mesmo afeto se evapora. E, assim, quando se começa a falar da angústia já se está fazendo com ela outra coisa; já se está recorrendo ao imaginário e à composição fantasmática que a suporta.

Do mesmo modo, se falamos de desamparo, não será que já estamos nos amparando numa teorização? Se o desamparo tem a ver com o trauma, e é novamente repassá-lo, trauma que é da ordem do Real e que escapa à linguagem... como poderíamos colocá-lo em palavras?

Retomando as origens pré-psicanalíticas do estudo sobre esse tema, podemos apreender um pouco o sentido do desamparo, nas palavras de Kierkegaard. Kierkegaard, considerado por Lacan o mais ousado investigador da alma anterior a Freud, nos diz: *“a angústia pode ser comparada à vertigem... Vertigem da liberdade, que surge quando, ao desejar o espírito estabelecer a síntese, a liberdade imerge o olhar no abismo das suas possibilidades e agarra-se à finitude para não soçobrar... Em tal vertigem a liberdade afunda”* <sup>7</sup>

Atentemos então para as assertivas:

– um sinal no eu concernente a alguma coisa que se passa em outro lugar.

– sinal no eu sob o fundamento de desamparo...

Para tentar articular o desamparo, vamos então lançar mão

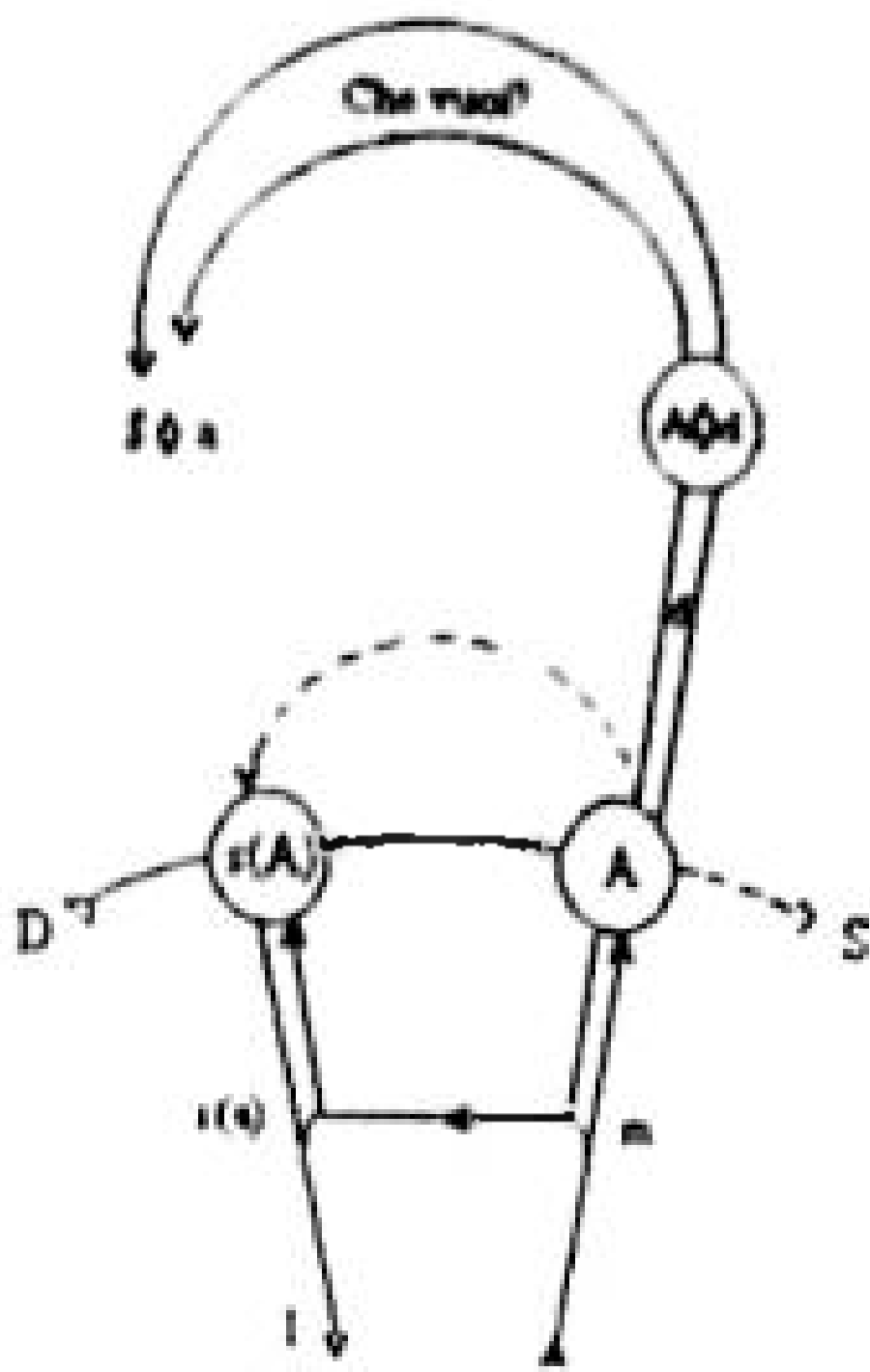
de um recurso utilizado por Lacan no seminário *O Desejo e sua Interpretação* e retomado posteriormente no seminário *Angústia: o grafo do desejo*. Procuraremos articulá-lo à tragédia de Hamlet, considerada o drama do desejo por excelência, magistralmente focado por Shakespeare.

Recorrendo um pouco ao Imaginário, que é o que nos cativa, nos prende – tão bem utilizado por Shakespeare, na tragédia, quando na representação teatral os saltimbancos flegam a consciência do rei – observemos, na figura 1, Hamlet num tempo chave. Vemo-lo no instante em que é abordado pelo fantasma de seu pai, atônito, estupefato, em face da revelação que lhe fora feita: seu pai, vítima de traição, arrebatado na flor de seus pecados. A revelação da miséria em que se encontra, cujos sofrimentos padece, é de uma intensidade tal que jamais poderia ser explicitada a Hamlet, pois sua carne não suportaria. Revelação do engodo que inebria sua mãe, pois aquele a quem ela deseja nada vale, ou seja: ali não há nada, apenas um embuste. Deste modo, aí está Hamlet, afetado, ou melhor, envenenado, também pela orelha; não com herbona, mas através das palavras do pai.

Nesse momento da revelação podemos indicar o tempo do desamparo. Momento em que não se sabe mais o que fazer, quando não mais se encontra em que se agarrar. É o momento do *Che vuol?* – questão que Lacan retoma do *Diabo Amoroso* de Casotti, na ambiguidade do: *Que queres de mim? Ou, que me queres?*

Esse é o momento de fading, de evanescência do sujeito; momento em que o sujeito vacila. Ponto em que ele sofre ao máximo a virulência das palavras e do qual a angústia é o sinal. Aqui, é da experiência da barra que se trata.<sup>8</sup> Nesse embaraço – *embarras* – presentifica-se o sujeito barrado, que repassa, revive mais uma vez a experiência do corte; corte que não é separação, mas partição no interior do sujeito.

Assim, Hamlet se vê sem recursos face ao que o Outro



demanda e à consignaço que lhe é feita.

Entretanto, vale à pena sublinhar que, se a experiência do desamparo diz respeito a essa tomada pelo Real, ao evocarmos Hamlet ou o grafo do desejo, já estamos lançando mão de um recurso imaginário, na tentativa de falar daquilo que sempre resiste às palavras. É importante atentarmos então para a importância

da observação de Lacan sobre a angústia, enquanto ponto de partida da inscrição significante. Ela é a chave, diz-nos Lacan, o que serve para abrir, para presentificar o vazlo do Outro. E o *Unheimlich* – essa inquietante estranheza – é a dobradiça indispensável para apreender tal questão.

Vejam, então: o sinal no eu, onde colocá-lo? Temos aqui a relação imaginária, onde podemos situar o eu e o outro. Podemos dizer que o sinal se dá aqui, nesse eixo imaginário – o eixo  $l(a) \leftarrow m$ .

E o fundamento do desamparo?

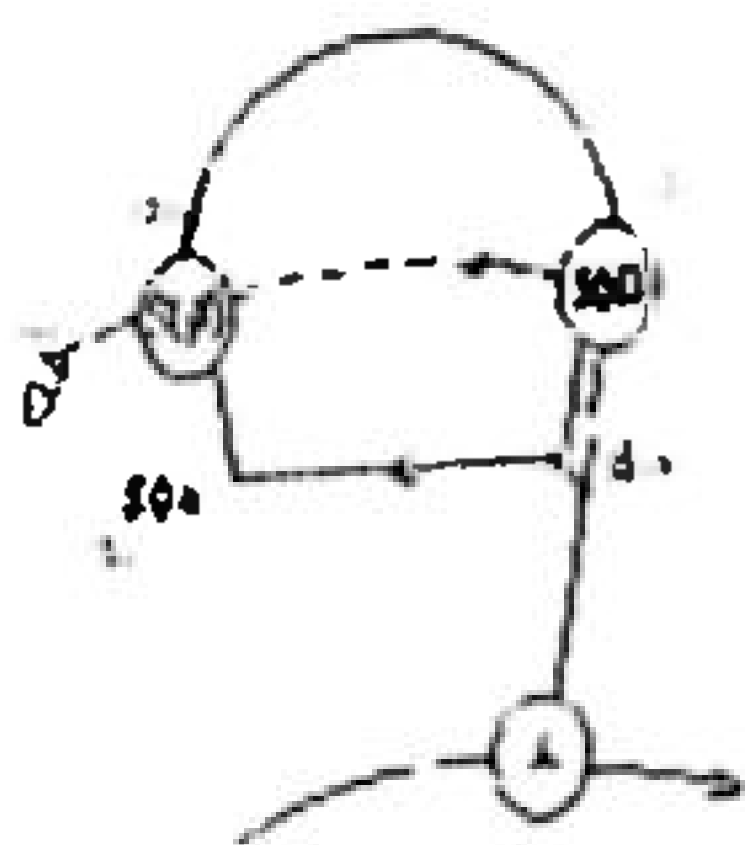
Bom! Há algo que aponta para um lugar outro, do Outro: aponta ao significante da falta do Outro. É nesse momento que está Hamlet, padecendo a questão que lhe consome, espancado pelas palavras, por elas envenenado.

E aqui arriscamo-nos a aventar uma hipótese: que será que nos sugere a elisão dessas linhas aqui, desses vetores para a esquerda e para a direita, no grafo acima? Não será que aponta ao fundamento do desamparo?

A *Hilflosigkeit* em Freud é esta posição fundamentalmente primitiva (permito-me aqui a redundância) e Lacan ratifica: a angústia é o sinal do desamparo face ao desejo do Outro;



mas, ao mesmo tempo, é já um esboço de organização. Organização, posto que mobiliza o sujeito - diante do desejo que o aspira, que o faz sucumbir - a retomar, pelos avatares do fantasma, seu desejo. É nesse drama da relação do desejo do sujeito com o desejo do Outro - *To be or not to be* - que se constitui a estrutura analiticamente definida.<sup>9</sup>



Assim como Hamlet, que após sugado pelo desejo do Outro, gira atordoado nesse torvelinho, também o analisante, após desamparado face à ineficácia do enquadramento fantasmático, é tomado pela angústia e busca saídas para dar conta do real. E assim, segue desfiando a tela das construções fantasmáticas, quem sabe, até o ponto de uma invenção...

Então, se a questão se dirige ao fantasma, este é também o sustentáculo do desejo do sujeito. A compo-

sição fantasmática vai lhe servir de placa giratória na relação do sujeito face ao desejo do Outro. Que fazer para sustentar seu desejo diante do Outro? Suportá-lo enquanto desejo insatisfeito ou cultivá-lo como impossível? Para Hamlet é com o impossível que ele se debate face ao Outro. Assim, ele está sempre a vacilar, sempre na dúvida, sempre a adiar a tarefa da vingança-para o dia seguinte.

Numa analogia com a clínica lembramos: quando se trata da angústia tem-se que trabalhar sem rede. Se ela é o ponto de partida da inscrição significante é preciso suportá-la e ver onde leva a vacilação - *où porte le porte-à-faux* - ou ainda, onde leva o sem razão. E, se o fundamento é o do desamparo, vale lembrarmos que apenas por ele, ou através dele, presentifica-se a estrutura.

Portanto, se a forma de destacar o desamparo parece-nos árida, recorrendo ao grafo do desejo ele pode ser apontado. Ele é fundamental. Todavia, mesmo que percorramos uma

representação gráfica tentando ilustrá-lo, nem por isso ele é demonstrável, ou inscritível. Ele não cessa de não se escrever.

Assim, se as palavras nos afetam e a angústia nos invade, por ela também as palavras brotam, oriundas de um lugar outro, numa dimensão outra... E com palavras o afeto se transmuda. Não obstante, diz-nos Lacan, "verificar o que o analisante pode suportar da angústia é sempre o que nos põe à prova."<sup>10</sup>

Então, como será que Hamlet vai resgatar seu desejo? Pela identificação imaginária face ao pequeno outro, assumindo o crime? Ou através do luto, na identificação com o objeto perdido, Ofélia?

E o analisante? Como será que ele sai desse redemoinho de traumas que animam sua vida fantasmática?

Detenho-me nesse ponto para dar margem aos debates e para suportar o tema – *angústia e desamparo*.

Ratificando portanto, vale à pena atentarmos não só para a questão metapsicológica que norteia a clínica, mas também para a ética que a rege.

"... é sobre o gume da angústia que temos de nos sustentar; é sobre esse gume que espero conduzi-los mais longe."<sup>11</sup>

Assim, que se possa suportar essa questão: a do Outro. Que a clínica psicanalítica se permita transitar pelo desamparo, ser por ele habitada, para que não termine desamparada, numa ortopedia qualquer, despencando do lugar que lhe cabe.

<sup>1</sup> Desta feita tendo em mente o V Fórum Brasileiro sobre Psicanálise e Desamparo, realizado em Recife, 1999.

<sup>2</sup> O Fórum propunha-se a trabalhar o desamparo sob três aspectos: Desamparo e Clínica, Desamparo e Cultura, Desamparo e Metapsicologia. Aqui fazemos um trocadilho indicando, através do título uma subversão da idéia proposta pelo subtema "desamparo e metapsicologia".

<sup>3</sup> Freud, Sigmund. *Rascunho A* - sem data; sugerem que foi escrito no final de 1892.

<sup>4</sup> Freud, Sigmund. *Inibição, sintoma e angústia* - Adendo B. (Grifo nosso)

<sup>5</sup> Lacan, J. Seminário X, *A angústia*, Lição de 14 de novembro de 1962.

<sup>6</sup> "O nada da angústia representa uma espécie de complexo de pressentimentos refletidos sobre si próprios e aproximando-se cada vez mais do homem; não um nada que seja indiferente ao indivíduo, porém um nada em comunicação viva com a ignorância da inocência." Kierkegaard, S. A. *O Conceito de Angústia*

<sup>7</sup> Lacan, J. Seminário X, *A angústia*, Lição de 14 de novembro de 1962.

<sup>8</sup> Lacan Desejo, Lição de 10 de junho de 1959:

<sup>9</sup> Lacan, J. Seminário X, *A angústia*, Lição de 14 de novembro de 1962.

<sup>10</sup> Idem. Op. Cit.